

O TEMPO LÓGICO COMO UM ÍNDICE DA SINGULARIDADE DA ESTRUTURA LACANIANA

Ivan de Oliveira Vaz

Resumo: Neste artigo, tenta-se esclarecer uma aparente contradição, qual seja, aquela relativa ao estruturalismo de Jacques Lacan e à afirmação de um sujeito em seu ensino, duas componentes supostamente destinadas a se anularem. Uma vez que o estruturalismo era justamente aquilo pelo que a referência a um sujeito tornava-se inútil, pode-se perguntar como uma teoria que intenta conciliar os dois não se arruína completamente no mais absoluto contra-senso. Entretanto, costuma-se esquecer que Lacan tenta pensar o sujeito precisamente pela estrutura, tentando estabelecer qualquer coisa como uma teoria da contradição. Para indicá-lo, realizaremos a análise de um texto do Lacan pré-estruturalista, observando o que permanece desses primeiros esforços teóricos.

Palavras-chave: Sujeito; estruturalismo; contradição.

Abstract: In this paper, we try to clarify an apparent contradiction, namely, that concerning the structuralism of Jacques Lacan and the assertion of a subject in his teaching, two components supposedly aimed at annulling each other. Since structuralism was precisely that which made the reference to subject useless, one might ask how a theory that tries to reconcile the two do not completely ruin itself in the most absolute nonsense. However, there is a tendency to forget that Lacan tries to think the subject precisely by the structure, attempting to establish something like a theory of contradiction. To indicate this, we will perform the analysis of a text of the pre-structuralist Lacan, looking at what remains of those first theoretical efforts.

Key-words: Subject; structuralism; contradiction.

Os elementos de uma contradição aparentemente insolúvel

Devem chamar a atenção dos observadores externos as circunstâncias especiais sob as quais foi possível a Jacques Lacan promover o seu famoso retorno a Freud, instante fundamental de seu pensamento no qual seria possível identificar uma guinada estruturalista. Circunstâncias especiais por sugerirem uma contradição escandalosa: avaliado de acordo com as forças postas em ação, o retorno a Freud pareceria antes se anular nas suas pretensões, nas medidas opostas por ele evocadas. As medidas referidas seriam duas. Primeiro, certas injunções originadas desde o ensino do próprio Lacan, anteriores a 1953 [data oficial do retorno a Freud]. E por fim, o encontro do psicanalista com o estruturalismo através da mediação decisiva de Claude Lévi-Strauss, momento tão importante que tem de sinalizar com uma ruptura no percurso intelectual de Lacan.¹ Se não é de conhecimento geral, é pelo menos intuído pelos que ouviram dizer sobre Lacan que a possibilidade de falar do inconsciente como estruturado como uma linguagem pressupõe esse encontro. Encontro que, por si só, não parece apresentar nada de verdadeiramente embaraçoso, considerando o ganho significativo em tratar o inconsciente em termos propriamente científicos, a exemplo dos avanços promovidos na época pela antropologia e pela linguística estruturais. Contudo, é preciso considerar que esse aporte estrutural não incide no vazio, a despeito de ser o instante de uma verdadeira revelação. É certo, é a partir do estruturalismo que tem lugar uma reformulação geral do pensamento de Lacan, de tal forma que ele se sente próximo do espírito a permear a obra de Freud como nunca antes. Sem o estruturalismo, essa aproximação, mais adequadamente denominada uma revelação, não teria sido possível. Entretanto, o encontro aqui precisa ser descrito com um pouco mais de apuro, pois o que o estruturalismo permitiu a Lacan não foi simplesmente uma definição mais exata do inconsciente, mas a sua reabilitação. Retorno a Freud efetivamente, afinal, trata-se neste caso do que antes era rejeitado no legado freudiano por seus flertes com os mitos de um drama interior, e mesmo por sua pretensão de se firmar como uma psicologia das profundezas, categorias e definições explicitamente rejeitadas por Lacan e expulsas por ele de qualquer empresa com aspirações científicas sérias, sendo incapazes de compreender o registro do que se procurava chamar em seu ensino de sujeito. Nessa injunção, nessa exigência de constituir uma ciência da subjetividade,

desenhava-se a figura do pensamento lacaniano, impondo a ele restrições quanto à acolhida de certos conceitos de Freud.² Onde o encontro com o estruturalismo tem realmente de propor um impasse: se foi necessário tanto tempo para reabilitar o inconsciente freudiano em seu ensino³, como poderá ter sido o estruturalismo o veículo dessa reabilitação? O mesmo estruturalismo que se arrogaria o papel de inverter a compreensão quanto à relação do homem com aquele instrumento que melhor responderia à sua razão e vontade, qual seja, a linguagem. Nesse traço que distingue os homens dos animais, o de serem falantes, não se tratava de enxergar uma função especial da vontade livre, uma virtude própria a um ser capaz de imprimir ao mundo os movimentos que deseja pelos gritos de seu comando, mas sim uma existência que o precedia e o determinava. De outra forma, o lugar assinalado pelo estruturalismo era o de um homem falado, onde o fardo da realidade lhe era devolvido pelo simples fato de assegurar que, nessa ordem, ele não podia nada. Sendo assim, principalmente se o nome de Lévi-Strauss é lembrado aqui, o registro do sujeito era de alguma forma ignorado ou pretensamente superado. Como então explicar um encontro de Lacan com o estruturalismo para reabilitar o conceito de inconsciente, por ele negado por motivos não inteiramente estranhos àqueles que permitiam aos estruturalistas afirmá-lo? É claro, é preciso estabelecer de saída que não são o mesmo o inconsciente negado e o inconsciente acolhido por Lacan, os quais tomam parte em períodos diversos de seu ensino.⁴ Mas isso não parece ser o suficiente, a não ser pela admissão tácita de teorias desfavoráveis ao pensamento do psicanalista. Ou bem Lacan capitulou diante das exigências de objetividade, rejeitando o sujeito sem mais, aceitando de bom grado as evidências trazidas pela antropologia estrutural. Ou então o psicanalista deverá ter habitado a região crepuscular de um meio-estruturalismo, negando quando preciso os seus postulados para restabelecer aquilo de que ele não abria mão. Antropologia mais específica ou disciplina entregue ao obscurantismo nos empréstimos indevidos que faz a outras ciências, sem jamais se constituir como tal, nenhuma das duas alternativas pode ser seriamente considerada como satisfatória. A primeira por fazer desaparecer a pertinência de qualquer coisa que se possa chamar de psicanálise, a segunda por conservá-la ao preço de entregá-la ao nada dos saberes sem consistência. Ironicamente, é preciso afirmar que, a certa altura, o estruturalismo, ou pelo menos o que ele permitiu avançar quanto à compreensão

do que pudesse ser o significante, foi o elemento essencial para Lacan pensar devidamente o sujeito [sem significar com isso que esse elemento fosse suficiente]. Do que se trata aqui, portanto, é de apontar a tensão que constitui a entrada de Lacan na estrutura.

O nosso procedimento aqui não será, no entanto, o de estudar o estruturalismo lacaniano, ou pelo menos não diretamente. Nós deveremos primeiro nos ocupar de um curioso texto escrito por Lacan em 1945, portanto, oito anos antes do retorno a Freud: o texto em questão é *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*. Esse texto permite antecipar algumas das determinações fundamentais à compreensão lacaniana da estrutura. É muito óbvio que não queremos com isso enxergar num instante anterior ao comumente fixado o momento de entrada de Lacan no estruturalismo. Para tanto, seria necessário, por exemplo, afirmar que Lacan foi estruturalista antes mesmo de Lévi-Strauss ter redigido suas *Estruturas elementares do parentesco*, tornando-se portanto um precursor do etnólogo ao invés de alguém decisivamente influenciado por ele. Hipótese completamente absurda, sem qualquer amparo histórico. Antes, é a entrada de Lacan no estruturalismo que define o lugar desse texto: o aparato conceitual centrado no significante lhe renderá um novo significado. Tanto assim que o mencionado texto poderá figurar como uma ponte entre dois períodos distintos do pensamento de Lacan, cada um deles de um dos lados da divisa do encontro com o estruturalismo.⁵ Basta notar a posição especial ocupada por ele na arquitetura dos *Escritos*. Nessa compilação de escritos realizada em 1966, todos os textos anteriores a 1953, isto é, anteriores à guinada estrutural do retorno a Freud, se encontram agrupados na segunda seção, intitulada “De nossos antecedentes”, a qual se refere a importantes conceitos desenvolvidos na esfera do imaginário. Com a exceção, entretanto, de dois pequenos artigos: este *O tempo lógico* e *Intervenção sobre a transferência*, de 1951 - os dois agrupados na terceira seção, indicada simplesmente com o algarismo romano correspondente. Não deverá passar despercebido que a seção seguinte, aberta pelo fundamental *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, também conhecido como relatório de Roma, o manifesto a sustentar a exigência de uma verdadeira fundamentação da prática e teoria analíticas, se intitule “Do sujeito enfim em questão”, pontuando, segundo a escolha do próprio autor, a partir de que momento fez-se possível falar do sujeito

em seu ensino [ou seja, desde o início do retorno a Freud, carreado nesse relatório, o qual foi proferido em 1953]. E tem de chamar a atenção igualmente a proximidade entre alguns aspectos apresentados em *O tempo lógico* e no relatório de Roma, a qual não deixa de ser sugerida pela distância reduzida que os separa no livro.⁶ De tal forma que, a despeito de o lugar desse texto só se poder situar corretamente a partir da medida do estruturalismo, ele é também muito claro em estabelecer sob quais condições o estruturalismo pôde ser acolhido por Lacan. Passemos assim a uma breve análise quanto a essas condições.

Os tempos de compreender e os momentos de concluir: uma determinação retroativa

Primeiramente, o problema apresentado em *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*. O texto propõe um estranho problema lógico, que não deixa de se revestir dos matizes de uma fábula moral, revelando um certo talento de Lacan para essas construções dramáticas. É quase como a solução de um enigma, prometendo ao seu fator a salvação. O diretor de uma prisão, presumivelmente um sádico entediado, oferece a liberdade a um dentre três prisioneiros escolhidos por ele: aquele que for capaz de resolver o problema primeiro, ganhará o direito de ser liberto. O problema consiste em descobrir qual é a cor do disco afixado em suas costas. Para chegar a essa conclusão, é dado basicamente saber que existem no total três discos brancos e dois discos pretos. Sendo os três prisioneiros colocados numa sala, e repartidos os discos entre eles, cada um deles tendo um único dos cinco discos afixado em suas costas, o primeiro que acorrer à porta afirmando ter descoberto a solução do problema, e souber apresentar quanto a isso o devido raciocínio, será então agraciado com a liberdade. De tal forma que o raciocínio, para cada um dos indivíduos aos quais o problema foi proposto, deve ocorrer entre o número total de discos e a visão dos discos afixados nas costas de seus companheiros. Por razões óbvias, estão ausentes desta sala quaisquer espelhos ou objetos em que deparar suas imagens refletidas. Mas isso não nos deve iludir quanto à lógica especular do problema. Um traço que deverá ficar mais claro ao longo desta exposição, pois é impossível a cada um dos prisioneiros chegar à solução do problema sem ter acesso à visão proporcionada pelos outros dois.⁷ O que quer dizer que, acrescido dos dados fornecidos pela visão, é pela reflexão quanto

àquilo o que os outros dois detentos são e como eles se portam em relação ao que eles pensam ser, que cada um deles deverá ser capaz de concluir sobre si mesmo, sobre a sua própria condição: em outras palavras, pode-se mesmo dizer que esses homens, esses outros, são, para cada um deles, a condição de uma identificação. São perfeitamente visíveis portanto as marcas das ideias de Lacan sobre o imaginário, a primeira região a ser comunicada pela ponte deste texto.

Por alguns motivos, que se tentará esclarecer a seguir, Lacan parte neste texto de uma dada situação e fornece a solução ideal do problema. Nas costas de cada detento, um disco branco, excluindo os dois discos pretos da “partida”. E onde o ideal desponta: a simultaneidade da conclusão dos três detentos quanto a serem brancos, os três dirigindo-se à porta e proclamando ao mesmo tempo serem iguais [isto é, portarem discos brancos]. Existem bons motivos para colocar o problema nesses termos. Pode-se imaginar, por exemplo, que, fora desta circunstância, caso houvesse um ou mesmo dois discos pretos entre os três prisioneiros, as chances de liberdade dadas a eles seriam desiguais, tornando o “jogo” completamente ocioso. Com efeito, se houvesse dois discos pretos, o único detento com um disco branco em suas costas sairia imediatamente, concluindo sem nenhuma dificuldade a cor de seu disco e dirigindo-se à saída sem dar chances para os seus adversários. Se, entretanto, houvesse apenas um disco preto, apesar de a situação complicar-se consideravelmente, ainda haveria desigualdade. Com um único disco preto entre os prisioneiros, os dois detentos com discos brancos deveriam então concluir, pela sua imobilidade recíproca, quanto à inexistência de mais um disco preto. Fosse o caso de haver mais um disco preto, como na hipótese anterior, alguém já teria saído rapidamente, ostentando com alguma evidência a sua certeza. Não havendo ninguém que sugira qualquer certeza, ninguém que aparente confiança quanto a saber aquilo o que é, fica logicamente excluída a existência de mais um disco preto. De tal forma que, por esse cálculo, eles já descobriram o que são, posto que o possível disco preto deveria ser o seu: não havendo mais um disco preto, eles têm necessariamente de ser brancos. Nessa precipitação é dada certa vantagem aos dois participantes com discos brancos, afinal, o prisioneiro restante só estaria em condições de descobrir o que é quando os seus adversários já tivessem se adiantado em relação a ele - em outras palavras, quando não mais houvesse para ele esperança de alcançar a liberdade. O “jogo” só

pode seguir plenamente se cada um deles tiver um disco branco preso em suas costas.

O motivo de as coisas serem dispostas dessa forma é também o tempo em que o problema pode se desdobrar, compreendendo nos três discos brancos uma espécie de distensão singular, a qual tem de ser articulada em sua generalidade. Afinal, do que se trata neste engenhoso problema é de uma muito curiosa lógica temporal. A melhor das circunstâncias, do ponto de vista desta lógica, é aquela onde ocorre uma máxima escansão, a qual também seria articulada na generalidade dos indivíduos que tomam parte nessa disputa. Convém portanto esclarecer primeiro a operação da escansão. Isso o que Lacan denomina uma escansão opera segundo o ritmo tríplice de imobilidade, precipitação e hesitação. Sendo assim, a primeira das hipóteses, aquela em que figuram dois discos pretos, é imediatamente rejeitada. Nela não há qualquer escansão temporal, apenas o instante perfeito da certeza do sujeito que porta o disco branco, por assim dizer, sua imediatez puntiforme. No entanto, na segunda hipótese, a da presença de um único disco preto entre os três prisioneiros, começa-se a compreender o que possa ser essa escansão. Pois os portadores do disco branco podem chegar a concluir quanto à inexistência de um disco preto porque ninguém se move, isto é, porque ninguém age como se houvesse mais um disco preto. Essa imobilidade deverá dar lugar a uma precipitação. Contudo, se essa precipitação ocorre nos dois homens ao mesmo tempo, ela, contra todas as expectativas, tem de pará-los.⁸ Lembremos, era precisamente porque ninguém se movia que estes dois homens se permitiram concluir serem brancos os seus discos. Como se movem ao mesmo tempo agora, eles anunciam, um ao outro, a possibilidade de haver mais um disco preto. Diante da sombra dessa incerteza, esboçada no seu movimento mútuo, eles não podem fazer outra coisa senão hesitar. Mas é aí que esse baile dialético tem o seu desfecho inesperado: se houve hesitação, é porque não existe em absoluto a possibilidade de haver dois discos pretos - o que por sua vez acenaria com uma certeza inabalável -, rendendo assim muito firmemente a cada um dos dois a certeza de carregarem discos brancos. Basicamente, a escansão está aí perfeitamente desenvolvida, mas sem evocar a generalidade da solução proposta por Lacan. Sendo assim, deverá operar nesses mesmos termos a partida com três discos brancos. Com uma diferença, porém, que seria a possibilidade de situar um

sujeito⁹, nomeando-o A, enquanto B e C seriam, não os prisioneiros reais, mas os prisioneiros enquanto sujeitos puramente refletidos em A. Contamos portanto desde o primeiro instante, qual seja, o da imobilidade. A, não importa qual dos três seja, vê dois discos brancos. Somado ao fato de ninguém se mover, ele tem de pensar na possibilidade de B e C verem um disco preto [isto é, de ele mesmo portar um disco preto]. Com efeito, essa possibilidade não pode ter lugar, tendo em consideração que, se fosse assim, alguém já teria se movido: eles teriam feito o percurso descrito na última hipótese, de se perguntar sobre a existência de mais um disco preto, somando dois, e, refutando essa ideia, teriam se jogado à liberdade. De forma sucinta, se B e C permanecem imóveis, não pode haver um disco preto entre os três prisioneiros. De tal forma que A conclui necessariamente ter um disco branco em suas costas. Como A é cada um desses três sujeitos, ele se precipita em direção à porta, e percebe B e C fazerem o mesmo, desautorizando a sua conclusão quanto a ser branco. Numa palavra, segundo a solução ideal de Lacan, os três hesitam simultaneamente.¹⁰ Mas porque o fazem ao mesmo tempo, a hesitação tem mais uma vez de garantir sua certeza quanto a serem brancos: se houvesse um disco preto, não teriam parado todos ao mesmo tempo, o quer dizer que B e C teriam prosseguido em sua marcha em direção à saída sem se preocupar com o movimento de A. Como consequência, A conclui inequivocamente quanto a ser branco [o que quer dizer que os três prisioneiros o concluem].

É fundamental notar como as hipóteses se referenciam umas às outras, isto é, como a primeira hipótese é recapitulada pela segunda, e a segunda pela terceira. De tal forma que essa recapitulação, observada desde a perspectiva oferecida pela terceira hipótese, compreende três momentos distintos, cada um deles com uma dilatação temporal particular. Esses três momentos são designados por Lacan respectivamente como sendo o instante do olhar, o tempo de compreender e o momento de concluir. É atrelado à primeira hipótese que se circunscreve o instante do olhar: a fulguração verdadeiramente instantânea de observar os discos pretos afixados nas costas dos adversários e, tão breve quanto possível, o deduzir-se branco. O tempo de compreender, neste caso - tempo que, na hipótese trabalhada, sucede ao instante de ver por encontrar ali dois discos brancos ao invés de dois discos pretos - é o tempo de deduzir que, por serem brancos B e C e não se moverem, não pode haver um disco preto - e, sob essa

forma, ele é passível de se confundir com a instantaneidade do ver, ou então se arrastar na lentidão do raciocínio. Mas a lógica apresentada por Lacan é verdadeiramente desbastada no terceiro tempo, o momento de concluir. Pois é esse tempo que, na terceira hipótese, [re-]ordena os tempos passados e permite uma saída aos sujeitos, permite efetivamente resolver um problema que, segundo a compreensão da lógica clássica, seria simplesmente insolúvel. Com efeito, o momento de concluir é o momento de dizer-se branco, dada a evidência da imobilidade dos outros dois prisioneiros; é portanto o momento de precipitar-se em direção à saída. Dessa forma, é sobretudo o momento de apressar-se, porque essa conclusão não será franqueada por todo o tempo: se B e C saírem antes de A, A já não poderá mais saber com certeza se tem ou não um disco preto em suas costas.¹¹ É um momento de agir que tem consequências drásticas, por ser nesse juízo quanto a si que se firma o tempo de compreender: o raciocínio sobre a imobilidade não poderá ser inteiramente validado a não ser no ápice da decisão quanto a se afirmar branco, propriamente numa aposta onde o apostador encontra-se completamente investido, por ter de arcar inteiramente com a responsabilidade de sua certeza, e por ver ali esgotar o tempo do páreo, exigindo a sua jogada o quanto antes. De tal forma que a certeza aqui vem se confirmar por um movimento ainda mais curioso, pois ela teve de se fabricar a si mesma na ausência de uma garantia completa quanto àquilo o que o sujeito era. Antecipando uma característica importante da estrutura lacaniana, é na pontuação do momento de concluir que se perfaz a conformação do sentido desse problema, é onde tem lugar plenamente o tempo de compreender, de tal forma que esse sentido só emerge realmente com seu último termo.¹² É onde se deve levar Lacan a sério quanto a isso que ele chama um novo sofisma, propondo sua resolução em coordenadas estranhas à lógica clássica. Nesse problema tão singular, os elementos não estão todos dados desde o início: eles existem segundo uma sucessão, ou mais propriamente, numa escansão. O que significa que eles não estão perfeitamente *determinados* desde sempre; na verdade, eles estão como que dispostos aqui numa ambiguidade fundamental, da qual eles só podem sair pela brecha aberta no instante de emitir o juízo, pelo clarão que se fecha na ação pressuposta do sujeito. De tal maneira que o tempo, tão importante para o problema, deixou de ser meramente cronológico, deixou de comportar a medida da espacialização (Cf. LACAN, 1998, pág. 203). Se o *kairos*,

oposto pelos gregos ao *chronos*, admite a definição de um instante em que uma ferida fatal poderia se produzir, é possível reconhecer nele uma lógica semelhante ao do problema abordado aqui, em que uma ordem da reviravolta se desenha, rearticulando toda a circunstância por um ato brevíssimo.¹³ O *kairos*, enquanto momento de perigo máximo, é o instante em que, por exemplo, uma batalha tem o seu curso decisivamente alterado, e no qual a ausência da ação só pode sinalizar com um fracasso [nem que essa ação seja uma recusa ou se firme na paciência da imobilidade]. De outra maneira, o momento de concluir, o quanto possa se arrogar a brecha do *kairos*, propõe uma *determinação retroativa*, de tal forma que o ato é afirmado aí num sentido mais forte que o simples encadeamento necessário das causas e dos efeitos: ele constitui como que uma exceção a esse encadeamento, redefinindo-o.

Feita a passagem fundamental por essa determinação retroativa dos momentos de concluir sobre os tempos de compreender, será instrutivo decompor o problema em traços que não deixam de ser pertinentes para entender a situação intermédia deste *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*. O primeiro deles é a solução de Lacan na hipótese dos três discos brancos e da simultaneidade dos juízos: a perfeita isonomia dos prisioneiros dá forma a uma reflexividade tão imperiosa que se pode tratar cada um deles como um A onde o outro apenas se apresenta como a miragem de B ou C, ou seja, como os sujeitos nele refletidos. A intersubjetividade fica quase que reduzida à simetria especular, e pode-se ficar inclusive tentado a dispensar os outros dois prisioneiros e encenar a partida com um único detento, encerrado numa sala de espelhos, onde se confirma a simultaneidade de seus gestos. Por outro lado, anunciando a diferença constitutiva do significante, o problema lógico recebe a sua conformação geral graças à diferença entre os discos. Não exatamente pela diferença entre branco e preto, que poderia ganhar os matizes de uma muito pobre alegoria, mas a distância numérica que os separa: o problema só se constitui no *menos um* em que existem uns em relação aos outros os discos de cores diversas [na verdade, sendo perfeitamente indiferentes quais sejam essas cores, desde que elas difiram uma da outra]. Se estivessem, por exemplo, em igual número, a ambiguidade seria tal que não haveria qualquer solução lógica, tornando o palpite absolutamente necessário aos prisioneiros. Existe aqui uma diferença mínima que lembra justamente os

significantes que o estruturalismo ensinou a enxergar: elementos sem qualquer substancialidade, que se definiriam não por si mesmos, mas por sua referência mútua, como sendo apenas aquilo o que o outro não é. Essa diferença mínima tem de intervir para constituir a ambiguidade num nível tal em que a temporalização lógica descrita acima possa operar. Neste caso, ela deve abrir o espaço preciso entre a determinação pela diferença e, ao seu lado, a determinação pela identificação. Apenas o suficiente para que as duas determinações não se confundam, para que elas reclamem a asserção subjetiva como o seu liame. Não admira que o texto proponha o *Je* como o portador de uma decisão que nunca poderia ser completamente deduzida da reflexividade do *moi*. É seguro assim estabelecer um lugar de antecipação neste texto, apontando o que ele já indicava de essencial sobre o pensamento do psicanalista.

Equivocidade simbólica: a contradição como meio de propor a possibilidade de uma intervenção

Dissemos que esse texto ganha um novo lugar com o aporte estrutural. De outra forma, não sem encontrar aí uma ocasião para se surpreender, seria possível dizer que a ideia do momento de concluir é definida retroativamente no aparato conceitual lacaniano. Ela deverá ser decisivamente apropriada pela clínica, a qual, no retorno a Freud, foi remodelada pelo cuidado que a apreciação da linguagem passou a requerer após o encontro de Lacan com o estruturalismo. De fábula exemplar, esse jogo dialético entre os tempos de compreender e os momentos de concluir pôde se transformar numa efetiva escansão do discurso do analisado, articulando a necessidade manifesta pelas reflexões lacanianas sobre o imaginário de operar qualquer coisa como uma transcendência das identificações do sujeito: “[...] a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas” (LACAN, 1998, pág. 253). Mas é precisamente onde essa dialética tem de fazer valer as suas próprias exigências. Com efeito, ela comporta um tempo de intervenção [por parte do analista], e ainda mais importante, um processo de subjetivação. O que, de uma certa forma, anuncia as dificuldades com as quais tem de se haver o analista, posto que ele sempre lida com sujeitos, isto é, ele sempre é confrontado com singularidades, não lhe sendo dada qualquer regra geral que

pudesse lhe indicar de maneira absolutamente infalível qual será o momento de emergência do sentido no discurso do analisado. É preciso avaliar aí, para cada uma dessas singularidades, os valores táticos de sua batalha.¹⁴ Com efeito, na disjunção do significante em relação ao significado, apresentada a Lacan por Lévi-Strauss, houve a possibilidade de estabelecer uma nova forma de escutar o analisado, sem se permitir reconhecer em seu discurso meros signos, como se por trás das palavras houvesse apenas o pênis. Sendo assim, cada analisado demanda uma pontuação própria de seu discurso, para o que o analista deverá se servir oportunamente da duração das sessões de suas consultas:

Assim, é uma pontuação oportuna que dá sentido ao discurso do sujeito. É por isso que a suspensão da sessão, que a técnica atual transforma numa pausa puramente cronométrica e, como tal, indiferente à trama do discurso, desempenha aí o papel de uma escansão que tem todo o valor de uma intervenção, precipitando os momentos conclusivos. E isso indica libertar esse termo de seu conteúdo rotineiro, para submetê-lo a todos os fins úteis da técnica (LACAN, 1998, pág. 253).

Passagem retirada do relatório de Roma, não é somente aí que são visíveis as pegadas do tempo lógico, podendo-se muito facilmente remontar às remissões literais [Cf., por exemplo, LACAN, 1998, pág. 242]. É aí entretanto que aparece mais claramente a exigência de uma *práxis* analítica, da necessidade de uma verdadeira intervenção em seu domínio, onde as regras absolutas perdem o seu lugar, pois não fariam mais que anular esse gesto. Precisamente o elemento estranho à antropologia e à linguística estruturais, e donde a estrutura lacaniana vai extraíndo sua singularidade. De fato, a maior parte dos empréstimos aos estruturalistas parece se inserir no aparato conceitual do psicanalista à condição de se medir pela temporalização lógica da estrutura.¹⁵ Quanto a isso, será possível inclusive perceber uma tentativa de reaproximação de Freud na recuperação do *nachträglich*, o qual, em Lacan, permite-se descrever como essa possibilidade de criar novas condições a partir do reordenamento de uma dada configuração simbólica [isto é, mais uma vez, numa determinação retroativa]. Recuperação capaz de render insuficientes os exemplos dados por Lévi-Strauss quanto à proximidade entre o xamanismo e a psicanálise, por exemplo, tal como apresentados no artigo *A eficácia simbólica*, e isto por não serem capazes de

estabelecer o lugar desse sujeito. Com efeito, esse lugar só podia ser assegurado com uma condição bem precisa: a impossibilidade de coincidência entre a estrutura e o sujeito. Uma oposição, mais exatamente uma cisão, tem de ser firmemente mantida por Lacan. É, portanto, nessa tensão que se constitui a entrada de Lacan na estrutura, e que teria como primeira consequência a conceituação da temporalização lógica, prometendo seus sucessivos distanciamentos dos demais estruturalistas - nenhuma outra tensão senão aquela que imprimiria o movimento de seus deslocamentos teóricos posteriores. Isso não deve, entretanto, elidir esse gesto inicial do retorno a Freud, que era exatamente o de sustentar essa cisão pelo recurso ao grande Outro, isto é, pela referência à determinação significativa. Sendo assim, o grande Outro, sorte de alteridade radical, manifesta uma equivocidade, tornando impossível confundir as leis da ordem simbólica com o que no quadro teórico lacaniano se apresentava como imaginário ou como real: a precedência do significativo sobre o significado, herdada a Lévi-Strauss, funciona aqui como uma fenda, como um desnível entre regiões irreduzíveis umas às outras. A condição de desemparelhamento dessas ordens inflige uma fratura da passividade lá onde elas reclamam suas investidas, a saber, no homem. O primeiro significado do sujeito lacaniano é portanto o daquele que está sujeito à estrutura significativa, sujeição que pressupõe um espaço de não-identidade, facultando a intervenção do analista no hiato das determinações que recobrem o ser falante. O que quer dizer que, em Lacan, a estrutura não faz desaparecer o sujeito, senão que tem o efeito oposto, de abrir um espaço no mundo para a sua emergência. Talvez, por tentar constituir em seu retorno a Freud uma teoria da passividade ou mesmo da contradição. De qualquer forma, rendendo à palavra *patologia* um significado inédito, ou pelo menos capaz de restabelecer à descoberta freudiana o mérito de ter percebido que nem todas as doenças avançam em silêncio (LACAN, 1998), ao mesmo tempo em que afinava o instrumento de uma *talking cure*. Num momento bem definido, foi necessário recorrer à determinação significativa para chegar a essa compreensão, tendo o seu encontro com Lévi-Strauss representado um episódio fundamental, ainda que não fosse suficiente por si só, mas que permitiu ao psicanalista levar adiante a sua dialética em termos quase que inteiramente novos.

Notas

¹ E a bem da verdade, momento pelo qual costumam medi-lo, reduzindo-o a apenas mais um estruturalista.

² Que no entanto já era lido atentamente, e poderia a justo título ser considerado um dos mestres de Lacan.

³ A contar desde a sua entrada na psicanálise em 1936, pelo menos 15 anos.

⁴ Assim como não são o mesmo o sujeito afirmado por Lacan e o sujeito excluído pelo estruturalismo.

⁵ Cf. a nota introdutório ao texto em LACAN, 1998, pág. 197.

⁶ E que não se esqueça que, neste último, se faz remissão a *O tempo lógico*.

⁷ A não ser por um palpite, excluído porquanto seja necessário discorrer ao diretor da prisão quanto ao raciocínio responsável por escolher entre branco ou preto.

⁸ Neste caso, fica patente como a solução da simultaneidade é ilusória. Se um deles chegasse a essa conclusão antes do outro, teria na imobilidade de seu adversário apenas a garantia de sua certeza.

⁹ Que neste caso se chamaria igualmente um ego, deposição das camadas de sucessivas identificações.

¹⁰ Um dos motivos de tratar essa questão como um sofisma é essa suposição do tempo igual para compreender.

¹¹ E isso é perfeitamente confirmado pela exposição aparentemente inútil feita aqui quanto à segunda hipótese, isto é, a hipótese de haver um disco preto entre os três detentos. Convidamos os curiosos a cruzar as duas hipóteses nessa quebra da simultaneidade dos juízos.

¹² Ou termo médio, se se considera que o último instante é na verdade o da hesitação e da precipitação dela decorrente.

¹³ A definição é de Richard Broxton Onians, citado por Barbara Cassin em seu *Jacques le sophiste*. Cf. o capítulo “Inursions sophistiques dans la technique analytique” deste mesmo livro, subcapítulo “Le *karios*, scansion et temps dans le discours”. A ideia de aplicar a este *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* pode ser encontrada aí, numa análise mais minuciosa dessa fundamentação.

¹⁴ Convém, quanto a isso, lembrar da metáfora empregada por Freud quanto às resistências, metáfora citada por Lacan no primeiro ano do seminário: “Não se deveria concluir entretanto por uma importância patogênica particularmente grande do elemento escolhido em vista da resistência de transferência. Quando, no curso de uma batalha, os combatentes disputam encarniçadamente a posse de um campanário ou de alguma fazenda, não deduzimos disso que essa igreja é um santuário nacional, nem que a fazenda abriga os tesouros do exército. O valor dos lugares pode ser tático e só existir para esse único combate”, apud LACAN, 1986, pág. 53.

¹⁵ Não por acaso, pois o móvel da psicanálise é sobretudo a *parole*, que Saussure havia estabelecido como uma região do indeterminado, em oposição às promessas de cientificidade da *langue*. É notável, por exemplo, o esquema lógico do apêndice ao texto *O seminário sobre “a carta roubada”*, que propõe uma espécie de alternativa à arbitrariedade saussureana do signo linguístico numa tentativa de recuperar o lugar da associação livre na clínica enveredando pelas sendas do acaso.

Referências:

CASSIN, B. *Jacques le Sophiste - Lacan, logos et psychanalyse*. Paris: EPEL, 2012.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O seminário: Livro I - Os escritos técnicos de Freud*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.